

CAMPS, Victoria – *O elogio da dúvida*. Edições 70, 2021.

Dulce Marques da Silva
Universidade de Coimbra,
Centro de Estudos Interdisciplinares
do Século XX (CEIS20)
ORCID: 0000-0003-1237-6139

A leitura da obra, *O elogio da dúvida*, da filósofa espanhola Victoria Camps, publicada, em 2016, em Espanha e, em 2021, em Portugal, é de enorme relevância para o público em geral e para os educadores, de modo particular. A razão principal é o fortalecimento que nela se faz da consciência dos limites do conhecimento e dos benefícios da dúvida como pilar para o entendimento humano, bem como para o reconhecimento da impossibilidade de se chegar a certezas inabaláveis e definitivas, que são, em última instância, unilaterais e aniquiladoras do outro.

Sendo uma referência intemporal, assume grande valor para os nossos dias ao transportar-nos para o âmago da Filosofia e, daí, para a essência da humanidade. Hoje, tal como nos primórdios da racionalidade, a inquietação e a capacidade de duvidar são responsáveis pelo encaminhamento rumo ao aperfeiçoamento e conhecimento humanos. Numa época em que se continuam a viver extremismos, oposições e conflitos, ainda que alguns assumam formas diferentes das do passado, urge examinar as posições que se defendem e submeter a um exame crítico, e dubitativo, as orientações e teses que se tomam como inquestionáveis. Vitória Camps, ao fazer a apologia da dúvida, mostra, exemplarmente, que ela é a alternativa à fúria dos absolutismos, fanatismos, populismos e a todo o tipo de totalitarismos.

A obra é composta por dez capítulos em que a autora, socorrendo-se de figuras

marcantes da cultura ocidental, de Platão a Rawls, explica como a dúvida, e só ela, pode concretizar o equilíbrio na resolução de dissensos. A dúvida que defende não é, deve sublinhar-se, sinónimo de fragilidade mas condição para a superar, tanto quanto isso for viável, remetendo-nos para a consciência das nossas limitações, levando-nos, assim, a assumir a pertinência da “douta ignorância” socrática na busca da “verdade possível”. Num dos primeiros capítulos a autora afirma tratar-se de uma “dúvida ontológica”, decorrente “da debilidade intrínseca à condição humana”, própria de “sujeitos que se sabem vulneráveis e dependentes, que não presumem uma autossuficiência fictícia” (p. 33).

Atendendo à utopia da apropriação do absoluto, a dúvida afirma-se, assim, como corolário do pensamento, da consciência da ignorância e da tentativa de a suplantar, num desejo natural de procura e de aproximação ao saber. Ela configura a oportunidade de fuga ao pensamento único e destrutor da liberdade e da autonomia, valores que as sociedades democráticas preconizam. E embora a sua essência assente no diálogo e na deliberação racional, não basta vivermos em democracia para que esses princípios estejam defendidos, daí que a presença de um pensamento esclarecido e crítico, edificado sobre a dúvida, seja a via para a superação dos atropelos frequentes aos princípios democráticos a que assistimos. Afirma a autora que a atitude de dúvida, ao permitir um distanciamento da espontaneidade impensada, é “uma atitude reflexiva e prudente” (p. 34) na procura da melhor solução para os problemas e conflitos e na defesa dos princípios em que assentam as democracias.

É pela atitude dubitativa que nos capacitamos de que os valores em que se firmam as sociedades democráticas defensoras da liberdade não são um dado

adquirido e imutável, tal como a prática, sucessivas vezes, nos tem demonstrado. Por isso, a vigilância a que a dúvida conduz, é o suporte para a consecução dessas sociedades, e daí que, tal como diz Camps, seja “preciso propagar a dúvida e propiciar a discussão para encontrar as melhores propostas e as razões que melhor as sustentam” (p. 53) e que se afiguram como suporte de uma convivência civilizada.

Se a dúvida se apresenta como a base da busca pelo conhecimento e verdade possíveis, bem como da edificação de uma sociedade democrática, esta obra levará,

por certo, os educadores a repensarem o seu papel, bem como as pedagogias em que assenta a tarefa de ensinar, no sentido de formar cidadãos comprometidos com o bem comum e respeitadores dos valores que configuram a dignidade humana.

Como não há seres humanos “suficientemente sábios” (p. 53), só a dúvida pode proporcionar o real pensamento e o abandono da aparência, de preconceitos e de crenças mal fundamentadas, conduzindo-nos ao exame preconizado por Sócrates ao afirmar que “uma vida não analisada não é digna de ser vivida” (p. 49).